

Banco Conversacional de Natal: uma amostra da fala espontânea dos natalenses

Lúcia Chaves de Oliveira Lima¹, Maria Angélica Furtado da Cunha²

¹Bolsista CNPq/PIBIC, ²Professora orientadora, Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo

Este trabalho visou a constituição de uma amostra de fala da cidade de Natal, representativa de discurso espontâneo: o Banco Conversacional de Natal. Para isso, foram gravadas 20 conversações entre falantes natalenses sobre assuntos do dia-a-dia. Todas as gravações foram devidamente transcritas seguindo as normas utilizadas pelo Projeto Norma Urbana Oral Culta (NURC), outras estabelecidas pelo Grupo de Pesquisa Discurso & Gramática, além da metodologia elaborada por John Du Bois, da University of California, Santa Barbara. As conversas são altamente interativas e se dão entre pessoas que se conhecem, mas não compartilham as mesmas atividades ocupacionais. Os dados serão relevantes para estudiosos que se interessam por análises linguísticas de cunho discursivo e interacional.

Palavras-chave: banco conversacional, transcrição, interação, fala espontânea

Abstract

This work aimed at constituting a sample of spontaneous speech produced by speakers from the city of Natal – Banco Conversacional de Natal. There were recorded twenty conversation about everyday subjects. All the conversations were transcribed according to the transcription system used by Projeto Norma Culta (NURC) and Grupo de Pesquisa Discurso & Gramática, as well as the methodology elaborated by John Du Bois, from the University of California, Santa Barbara. The chats, which are highly interactive, took place between people who knew each other, but did not share the same occupational activity. The data are relevant for researchers who are interested in linguistic analyses from a discourse and interactional point of view.

Keywords: Banco Conversacional, transcription, interaction, spontaneous speech

Introdução

Pesquisadores, doutorandos e mestrandos têm desenvolvido seus trabalhos e testado suas hipóteses em diversas fontes de dados. A relevância do banco de dados escolhido depende do foco da pesquisa. Assim, jornais, revistas, livros, redações de vestibular, aulas, entre outros, podem servir como dados empíricos. O Grupo de Pesquisa Discurso & Gramática (D&G), do Departamento de Letras, tem utilizado como material de pesquisa o banco de dados *Corpus Discurso & Gramática* – a língua falada e escrita na cidade do Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998). Embora represente discurso interacional, essa amostra não reflete uma situação de completa naturalidade de uso da língua, mas um discurso semiplanejado.

Em vista disso, sentimos a necessidade de composição de uma nova amostra que retratasse a fala casual dos natalenses, seu discurso natural, espontâneo, sobre fatos do dia-a-dia. Sendo assim, este trabalho teve como objetivo geral a constituição de um banco de dados interacionais da fala da cidade de Natal, o Banco Conversacional de Natal. Seguindo Chafe (1994), postulamos que a conversação é o uso básico da língua cujo *status* especial justifica tratá-la como base a partir da qual todos os outros usos são derivados. Propusemo-nos, pois, constituir uma amostragem diversificada que fotografa usos da língua em situações de fala espontânea. Seguimos a orientação básica de registrar eventos em recintos onde as pessoas se reúnem e onde a atenção não esteja voltada diretamente à linguagem, mas à atividade em curso. Assim, não há tomadas de turno com perguntas e respostas nem temas pré-estabelecidos.

O trabalho se dividiu em três etapas: 1. Coleta de dados: gravação de conversas espontâneas; 2. Transcrição do material gravado; 3. Segmentação do material transcrito em unidades entonacionais.

O trabalho da coleta de dados teve fundamental importância visto que a intenção é a de se obter um registro o mais próximo possível da fala espontânea. As conversas foram gravadas em lugares e em situações diferentes. Os informantes são natalenses e têm idades, sexo e nível escolar diferentes. O desafio foi conseguir flagrar a fala espontânea, o que é difícil de se obter por dois motivos: ou pelo constrangimento do informante em saber que está sendo gravado, ou pelo constrangimento do pesquisador em pedir autorização prévia para gravar.

Considerando que a coleta dos dados foi realizada em situações variadas do cotidiano, é normal que ocorram sobreposições de vozes, truncamentos e interferências de ruídos no momento da gravação. No entanto, isso não compromete a transcrição do discurso falado, pois utilizamos símbolos gráficos para marcar esses eventos da fala. Segundo Du Bois (1992), a

transcrição do discurso pode ser definida como o processo de criar uma representação de um evento de discurso na modalidade escrita, de tal forma que ele se torne acessível à pesquisa.

A transcrição tem por objetivo reproduzir o material gravado através de símbolos gráficos, simulando, na escrita, procedimentos que são específicos da fala, como por exemplo: a entonação, que é marcada por pausas; truncamentos ou quebra na sequência de palavras ou frases; alongamento de vogais; superposição; simultaneidade de vozes; incompreensão de palavras ou segmentos; hipóteses sobre o que o transcritor ouviu, etc.

Os símbolos gráficos utilizados seguem normas específicas de transcrição, que reúnem as normas utilizadas pelo Projeto Norma Urbana Oral Culta (NURC) e outras estabelecidas pelo Grupo de Pesquisa D&G, além das normas de transcrição elaboradas por Du Bois (1991), da University of California, Santa Barbara. O importante é que esses registros se aproximem, tanto quanto possível, do material gravado e, portanto, sejam relevantes para a análise linguística.

Podemos observar no trecho abaixo, retirado da conversa “*Trabalhos escolares*”, alguns símbolos gráficos que reproduzem a fala¹:

- L 1 F1 - Olha... de quem é esse livro é teu é? De...
 L 2 F2 - () é de uma amiga de Andréa...É:: que eu tava dando uma olhada...
 L 3 F1 - Vou já da uma olhada também... vê o que ele faz... ((digitando))
 L 4 F2 - ai/ eita/ Marluce::...()

a) Três pontinhos “...”, presentes em todas as linhas representam qualquer tipo de pausa, substituindo todos os sinais específicos da língua escrita que desempenham tal função: ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos e vírgula.

b) Dois pontos juntos “::” nas linhas 2 e 4, representam qualquer alongamento de vogal na fala.

c) Parênteses vazios “()”, na linha 2 e 4, significam que houve incompreensão de palavras ou segmentos.

d) Parênteses duplos “((minúscula))” no final da linha 3, reproduz um comentário do transcritor.

e) Barra “/” na linha 4, marca o truncamento de sílaba e/ou quebra de sequência.

Além do trabalho de gravação e transcrição, procedeu-se também à segmentação do material transcrito em unidades entonacionais. ‘Unidade entonacional’ pode ser rudimentarmente caracterizada como uma “porção de discurso produzida sob um único contorno entonacional coerente”. Segundo Chafe (1994), a unidade entonacional representa a unidade fundamental do processo de produção do discurso falado.

¹ F1 e F2 = informante 1 e 2. L = linha

Essas unidades são limitadas por pausas que o falante naturalmente produz na fala. Significa dizer que cada pausa marca uma frase entonacional e cada unidade entonacional é transcrita em uma mesma linha.

Veja o exemplo²:

99	F5	ele lhe chamou:...
100		de ostra?
101	F2	porque vocês ficam trancadas...
102		porque ele sabe que vocês têm uma pérola dentro...
103		oh...
104		que emocionante...

Nesse fragmento da conversa “*Discussão*”, segmentada em unidades entonacionais, da linha 101 até a 104 o discurso é produzido pelo mesmo falante F2, e cada unidade entonacional desse discurso é transcrita em uma mesma linha.

O banco é constituído por 20 conversações, devidamente transcritas e segmentadas em unidades entonacionais. Esses dados serão relevantes para todos os estudiosos que se interessam por análises linguísticas de cunho discursivo e interacional.

Metodologia

O presente trabalho está vinculado ao projeto de pesquisa *Banco Conversacional de Natal* (PVC835-2006), desenvolvido pela prof^a Dr^a Maria Angélica Furtado da Cunha, orientadora deste artigo.³

Inicialmente, nossa proposta era gravar dez conversações entre falantes natalenses reunidos em volta da mesa de refeições, seguindo o procedimento adotado por Chafe (1994), que gravou vinte conversações à mesa de jantar com o propósito de comparar o tipo de linguagem usada nessas situações com outros três tipos de linguagem – palestras informais, cartas pessoais e textos acadêmicos – produzidos pelas mesmas pessoas. Segundo Chafe(1994),

² Na primeira coluna os números marcam a numeração das linhas. Na segunda coluna temos a indicação dos informantes

³ Vale salientar que, em 2007, este trabalho recebeu o prêmio Destaque como melhor apresentação na modalidade painel na área de Humanas e Sociais, durante o XVIII Congresso de Iniciação Científica da UFRN – CIC.

esse banco de dados conversacional apresentou a desvantagem de estar restrito a uma amostra relativamente homogênea de falantes (professores e alunos de pós-graduação). Sendo assim, as conversas que gravamos são altamente interativas e se dão entre pessoas que se conhecem, mas não compartilham, necessariamente, as mesmas atividades ocupacionais. Esse procedimento pôde evitar a homogeneidade da amostra a que se refere Chafe (1994).

O primeiro passo a seguir foi a coleta de dados. Como o objetivo é flagrar a fala casual, tivemos que estar sempre munidos do material de gravação para não perder as oportunidades do dia-a-dia. O momento de gravação está relacionado a alguns fatores relevantes, como:

- 1) Seleção: informantes naturais do estado ou moradores de Natal pelo menos desde os cinco anos de idade.
- 2) Quantidade: não exceder cinco informantes, para evitar sobreposições de vozes, que comprometem a identificação do falante e a interpretação dos eventos de fala.
- 3) Ambiente: as gravações podem ser realizadas em ambiente público ou em ambiente privado, desde que não sejam comprometidas pela interferência de ruídos externos.
- 4) Momento: não há negociação prévia entre pesquisador e participantes com relação aos horários, temas e locais em que vai se dar a coleta dos dados, pois a autorização para gravar acontece em momento imediatamente anterior à conversação.

Após a coleta, procedemos à transcrição dos dados obtidos utilizando a metodologia de transcrição da University of California, Santa Barbara. De acordo com essa orientação, o texto falado é segmentado em unidades entonacionais, como descrito acima.

Resultados obtidos

O Banco Conversacional de Natal está constituído de 20 conversações entre falantes natalenses, com um total de aproximadamente 6 horas de gravação. A tabela abaixo mostra o título, a duração, o local e o número de participantes de cada conversa.

TÍTULO	DURAÇÃO	LOCAL	INFOR.
1 - Biblioteca	30'	Biblioteca Zila Mamede	4
2 - Discussão	4'05''	UFRN Sala de aula	5
3 - Cursinho	25'55''	UFRN Sala de aula	3
4 - Música	13'10''	UFRN Sala de aula	4
5 - Pagamentos	08'05''	Residência Sala de estar	4
6 - Esporte	18'	UFRN	6
7 - Família	10'07''	Residência Sala de estar	4
8 - Conversa na calçada	24'30''	Calçada de casa	4
9 - Jogo de futebol	14'50''	Residência Sala de estar	4
10 - Vídeo Game	23'36''	Residência Sala de estar	6
11 - Aula	11'10''	Sala de aula	4
12 - Amiga	48'50''	Area residencial	5
13 - Trabalhos Escolares	18'25''	Sala dos Professores	6
14 - Reforma da casa	32'40''	Residência- sala estar	5
15 - Alimentação infantil	12'17''	Residência varanda	5
16 - Agua de Natal	11'17	Carro	6
17 - Vendedor de salgado	9'	Residência cozinha	6
18 - Casa Sorteada	12'02''	Carro	6
19 - Almoço de Domingo	12'12''	Carro	3
20 - Financiamento da casa	11'10''	Residência cozinha	5

Discussão analítica

A língua é um “sistema adaptativo” (DU BOIS, 1985), que está sempre sofrendo mudanças, então devemos acompanhar e analisar essas mudanças.

Várias pesquisas têm sido realizadas com base em textos reais de fala, sob a orientação de diferentes enquadres teóricos, como a Análise da Conversação e a Sociolinguística, por exemplo.

A Linguística Funcional, quadro teórico que embasa as pesquisas do D&G, procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso. Seu interesse de investigação vai além da estrutura gramatical, buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua (FURTADO DA CUNHA et al., 2003). Com base nesse argumento, os linguistas funcionalistas defendem a necessidade de investigar a natureza da língua a partir do seu uso na vida diária, examinando o discurso falado. Para cumprir esse requisito teórico-metodológico, fez-se necessário a constituição de um *corpus* que reproduzisse esse discurso. E assim, servir como evidência para a verificação de hipóteses a respeito da emergência e funcionamento da gramática do português brasileiro.

Considerações finais

Pesquisas linguísticas ainda têm sido realizadas de forma tradicional, sem levar em conta os contextos reais de uso da língua. Muitas vezes os dados examinados não correspondem a dados efetivamente produzidos por falantes engajados em situações comunicativas interacionais.

O Banco Conversacional de Natal é estritamente conversacional e poderá fornecer comprovação empírica para os trabalhos desenvolvidos não só no interior do D&G, mas também para dissertações e teses que seguem outras orientações teóricas. O *corpus* servirá como fonte de dados e material de constantes pesquisas para a comunidade acadêmica por ser a primeira e única amostra do Estado que contempla o discurso natural, espontâneo, dos falantes natalenses.

Assim como o Banco Conversacional de Natal, a constituição de outros *corpora*, seguindo procedimentos de coleta e transcrição semelhantes aos adotados neste trabalho, pode vir a ser realizada, estendendo-se a um espaço geográfico ainda maior, abrangendo todo o estado do Rio Grande do Norte e também toda a região Nordeste. Aí, então, seremos capazes de capturar e analisar toda a riqueza de variações que se manifestam na fala espontânea.

Referências

- CHAFE, Wallace. *Discourse, consciousness, and time*. Chicago: Chicago University Press, 1994.
- DU BOIS, John. Transcription design principles for spoken discourse research. *Pragmatics*, v. 1, p. 71-106, 1991.
- DU BOIS, J. W.; CUMMING, S.; SCHUETZE-COBURN, S.; PAOLINO, D. (Eds.). *Discourse transcription*. Santa Barbara Papers in Linguistics, v. 4. Santa Barbara: UCSB, 1992.
- DU BOIS, John. Competing motivations. In: Haiman, J. (Ed.) *Iconicity syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985. P 343-365.
- FURTADO DA CUNHA, M. Angélica. *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.

Lucia Chaves de Oliveira Lima

Endereço eletrônico: luciachavess@hotmail.com

Grupo de Pesquisa: Discurso & Gramática

Endereço postal: Departamento de Letras, Centro de Ciências Humanas Letras e Arte, 59078-970, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Campus Universitário, Natal/RN – Brasil